

DN 16.12.66
RN 302

CENTRAL DO BRASIL, O REBANHO

RUBEM BRAGA

Da última vez que falei convosco eu estava parado na Praça da República, no Rio de Janeiro, esperando condução em vão, depois de sair da Rádio Ministério da Educação. *ão, ão, quanto ão.* Aliás, eu podia ter começado a crônica de antes. Eu atravessara o Campo de Santana depois de vir da Avenida Passos pela Rua Senhor dos Passos a pé (a passo). Qual, isso é sinal de cansaço mental, escrever assim rimando, tropeçando em palavras, palavra!

Reajo, vou escrever direito, contar o que tenho para contar. Pensando bem é coisa pouca, ou nada. Eu perambulava também pela Rua da Alfândega e transversais, por sinal que vi numa vitrina, por 2 200 cruzeiros, uma camisa esporte completamente igual a outra que, na véspera, eu comprara em Ipanema por 3 800 cruzeiros. Até entrei para verificar. Era a própria, igual; mas quando quis comprar vi que não tinha no bolso nem um conto de réis, nem livro de cheque, mesmo se tivesse livro de cheque não teria documento de identidade.

Foi a lembrança disso que me pungiu hora e meia mais tarde, quando, tendo desistido de esperar condução em vão na Praça da República, decidi atravessar a Avenida Presidente Vargas para caçar um ônibus ou táxi na Central. O sinal estava fechado; enquanto eu esperava ia chegando mais gente, o sinal custava a abrir; quando en-

cetamos a travessia eu me vi no centro de um rebanho de umas duzentas pessoas marchando para a Central.

Outros rebanhos vinham de outras bandas, trotando com pressa no calor, cada um ansioso para se meter no seu trem apertado rumo ao seu subúrbio. Então, suado e triste, andando na cadência dos outros, eu senti que eu também ia tomar meu trem, talvez no Méier devesse pegar outra condução. Sou um homem de Ipanema, onde uma camisa esporte custa 3 800 cruzeiros, e não das grã-finas; mas como provar isso se eu não tinha mais de 800 cruzeiros no bolso, nem livro de cheque nem documento de identidade? Em certo momento quis sair do rebanho, fui atropelado por um sujeito com pressa, sofri o olhar raivoso de uma senhora gorda, senti que a manada suada me retinha e me fazia marchar em seu passo apressado, fui levado em seu meio, tangido, acotovelado. "Trata-se de um equívoco" — pensei em protestar, mas incidentalmente vi minha cara no espelho de uma tabacaria, uma suada cara suburbana, de um homem de certa idade, suburbano, derrotado de calor, nervoso de pressa de chegar a não sei que triste quarto quente de uma casinha suburbana.

"É melhor não reclamar" — pensei, cansado, e pensei outras coisas de que darei parte em outra crônica, se algum dia jamais eu regressar de meus tristes subúrbios.

*mas tenho
cara de
meu pobre*